

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Quinta-feira 28 de Fevereiro de 1861.

N. 8

PERFIS THEATRAES.

TRAÇOS CRITICOS LITTERARIOS.

I

A arte é a pyramide soberba, diante da qual
passão respeitosos os seculos sem diluir-lhe o
pedestal de granito.

Ao bater das azas estragadoras do tempo
tombão os altos capiteis erigidos pela mão orgu-
lhosa do homem;—desmoroão-se os imperios—
arqueja Pompeia nas explosões do Vesuvio, como
a mariposa estonteada desaparece nas chama-
mas—; e Babylonia debruçada ao parapeito do
abyssmo que ás plantas lhe caváron os Baltha-
zares corruptos—lá se foi bambaleando de pre-
cipicio em precipicio té mergulhar se nos cata-
clysmas do esquecimento, como o rochedo ar-
rastado pelas correntezas do rio.

Quem poderá, tateando as tenebras escuras
do passado, relendo, folha por folha, a historia
da ruina dos imperios, sustar uma lagrima con-
templativa de sincera compaixão diante de tan-
to orgulho, de tanta grandeza decabida? Quem foi
que no suarento peregrinar pela cidade das altas
tradicções—batendo com as alpagatas de romeiro
no pó de suas ruinas—pairando de monumento
em monumento, ou elevado á cumiada do altivo
Capitolio, não mergulhará a alma n'uma medi-
tação religiosa, como Chateaubriand cruzando
os braços diante de Carthago fumante, ou como
Jeremias sobre a ultima pedra da *cidade mal-
dita* ?!

Como são rapidas as peripecias da vida hu-
mana!

Um sabio disse-o : *do Capitolio á Rocha
Tarpeia dista apenas um passo.* E o proprio
Deos, apenas vestido com o manto da carne,
que lhe chagara os hombros, como a tunica de
Nessus, apenas ligado ás transicções e aos males
da vida humana, for tocarem-se n'um aperto de
mão o Thabor e o Golgotha—o zenith e o
cecaso !

Entretanto, do pó funéreo, em que se conver-

tem todas as gerações que passão — a arte, a fi-
lha delecta do Senhor, segredada por elle aos
homens quando deixou cahir dos labios o *fiat*
miraculoso, quando do cahos informe fez surgir
bella e ridente, como a noiva na noite de seu
festim, a natureza luxuriante e rica de thesou-
ros, a—arte—dizemos, ergue-se franca e limpida
no seo vôo sereno, como a garça que rasteja pelo
lodaçal, sem macular as azas da neve.

Sempre joven—sempre levada pelo sopro de
Deos de geração em geração, como de cidade
em cidade o caminhante de Jerusalém, é a Phe-
nix que renasce das proprias cinzas.

Aos osculos virgens e matinaes da filha do
Senhor erguerão as frentes esplendentes de ins-
piração e talento, genios portentosos que arrasta-
rão diante de si a admiração e o extasi das gera-
ções que nos precederão.

Homero—o artista da *Iliada*, o poeta colosso,
cujo berço disputarão sete cidades, o cantor dos
fastos bellicos e gloriosos da Grecia, é o maior
triumpho da soberania da arte.

Camões — o poeta-guerreiro solevado pelas
ondas, que lhe murmurávon aos ouvidos o estri-
bilho da morte, apresenta-se mendigo, mas com
um thesouro de inestimavel valor debaixo da
farda ainda molhada das agnas do oceano, a lega
á posteridade um artefacto mais monumentoso
que a estatua equestre de D. José.

Raphael — o delicado criador das *madonas* de
olhos azues e collo de cysne—o apaixonado pin-
tor que de um só rasgo passou para a tela as
feições da Condessa de Brignole, o retrato mais
perfeito de que temos noticia ; Bellini—o melo-
dioso Bellini que soube tão bem casar os segre-
dos da poesia com os segredos da musica ; Phi-
dias—o estatuario por excellencia criador—fo-
rão outros tantos legatarios dos grandes monu-
mentos, que ainda campeião de pé, attestando
às gerações por vir a eternidade da arte.

D'entre a phalango luminosa desses grandes
artistas, avultão dous genios tambem grandes,
que tambem arrastarão diante de si o extasi a
admiração do mundo inteiro — Shakspeare e
Talma: o criador e o seu interprete.....

—Longa foi, por sem duvida, a nossa pere-

grinação esthetica na contemplação dos grandes genios. O santo entusiasmo que nutrimos por tudo quanto foi, por tudo quanto é sublime, fez-nos esquecer por instantes o assumpto do nosso artigo.

Antes, porém, de encetarmol-o força é fazermos um *acto de fé*.

Aplinar o caminho, por onde se atira o viajor incerto, afim de evitar certos tropeços que quasi sempre se encontram por veredas que ainda se não trilhou, eis o direito soberano da critica, direito de que vamos lançar mão na apreciação dos nossos artistas dramaticos.

Longe de nós, porém, o intento de depreciar do merito de artistas consummados, que á força de perseverança e estudo conquistarão um nome e um laurel.

Conviva dos festins da arte, artista pelo coração e entusiasta do progresso, não seremos nós, jamais, que lancemos um riso de zombaria no banquete da arte.

Para elles temos unicamente a interjeição entusiastica do *Marzepa* do *Byron*: *Avante! Avante!*

JOSE' MARIA.

(*Continúa*).



UMA HISTORIA DE HONTEM.

Benevolos leitores. Concedei-me um momento de attenção, e ouvi um drama da nossa sociedade. E' verdadeiro, todos o sabem, um pensamento que nella se augmentasse passaria por crime de leza inexactidão. Não ha quem não visse muitas vezes a deshoras um homem que descoberto passava pensativo e taciturno pelas ruas de S. Christovão porém, façamos allo, não antecipemos.

Ha dramas tão tristes na nossa sociedade, historias que todos os dias, começam e findão-se, que um historiador que se occupasse com esses pequenos dramas, talvez fizesse um bello volume para se lerem em um anno. Deveria esse livro ser lido por todos; em toda a casa de familia deveria haver um exemplar; que fosse elle o despertador d'aquelles que dormem ou fingem dormir em quanto muitas vezes pequenos incidentes preparão uma grande ruina. Toda a mocidade deveria ler esse livro, então não haveria tantos enganos, tantos perjurios, tanta inconstancia, tanta perfidia, tanto vicio e tanta crapula. Havião de ser mais cautos e não carregarião tanto nos seus pinceis quando pintão os sentimentos que não possuem, mas que com arte sa bem amoldar á sua teta.

Ora, abi temos em querendo corrigir os vicios da sociedade, forte lembrança! Vamos avante, leitores, dignai-vos escutar-me e depois cada um que faça as suas objecções.

Abi vai.

I

Era um dia de festa nacional, e de eleições.

Grupos de votantes amontoavão-se nas esquinas das ruas e algumas cabeças curiosas appareção pelas janellas.

Em uma dollas se avistava uma moça morena e bella, que risonha olhava para a turba cabalista.

Passando então um mancebo de seus vinte annos, tambem moreno, de olhar firme e com um lindo bigode aveludado, olhou para a moça, seus olhos encontrãrão-se, ella emmudeceo e elle seguiu.

Ella era a alvo de ditos motejadores da parte dos votantes. Todos olhavão para ella sorrindo ou buscando um seu olhar.

O mancebo tornou a passar, obteve um sorriso e remunerou-o.

Ella seguiu-o com o seu olhar terno, e entristeceu-se quando elle sumiu-se.

Dias depois o mancebo amava apaixonadamente a moça; escreveu-lhe então um perfumado bilhete confessando o seu amor, e foi correspondido. Desde então julgou-se no auge da felicidade; não pensava senão n'aquella que soube com um só olhar, captivar seu coração; n'aquella que tanto amor jurava; em sua..... é inutil dizer seo nome, todos o sabem, chamemol-a Leonor.

E' bello esse tempo da vida, quando se ama e obtem-se em troca tambem juramentos de constancia e fidelidade. Augusto, assim se chamava mancebo, nunca se julgara tão feliz. Não cuidava senão em seu amor.

Ah! mundo illusorio, tu muitas vezes contribues e cavas o abysmo onde cahem os tristes que se fião em tuas illusões!

II

Augusto, oito dias depois pediu-lhe uma entrevista. Obteve-a. A' hora aprazada apresentou-se e achou a sua amante, que já o esperava.

Era a hora em que os fantasmas sahem de seus tumulos. Era meia noite, assim o annunciava o relógio da quinta da Boa-Vista.

A noite era fresca, uma aragem fagueira animava as folhas dos arvoredos, a lua que se erguera de seu leito cõr de fogo, mostrava-se agora pallida e macilenta. Elle era só com sua amante, no fundo de um caramanchão, onde a custo traspassavão os raios da lua, por entre a fechada trança do jasmineiro.

Ella estava assentada em um sofá de junco,

com os cabellos para trás das orelhas em desalinho, com um leve vestido, provocando amor.

Augusto ao vê-la ficou arrebatado, pega em uma de suas mãos oscula-a com fervor, e diz-lhe :

— Minha Leonor, será possível que tão grande dita se achasse para mim reservada? Merecerei eu tão grande sacrificio?

— Sacrificio? nenhum. Respondeu ternamente ella.

E tinha razão de assim dizer.

— Não crimines este meu arrebatamento, deixa-me beijar essas tuas faces, o arcor me guia, a paixão me cega. Eu te amo, minh'alma o sente porém meus labios não o podem exprimir. Sinto um amor me lacerar o peito, uma sensação percorre meu corpo e uma voz que brada dentro em mim — és enganado! — Será verdade minha Leonor?

Neste momento negra coruja cortou o espaço e agudo pio solto.

Ambos tremarão: máo presagio.

— Então, não me respondes? disse meigamente Augusto.

— Que posso eu te dizer, meu Augusto? Que te amo, que só tu possues meu coração? Que só tu soubeste nelle despertar o amor?!

— Não amas então outro homem? não vivo enganado? Podes-me dar um juramento?

— Ah! Augusto! juro-te que só a ti eu amo neste mundo.

Elle cahio de joelhos abraçando a amada e osculando-lhe a face.

Neste momento tornou a voar a coruja.

— Oha, Leonor, não viste esta ave agoureira que já por duas vezes passa? Não sei que senti quando ella passou.

— Socega, não te atemorizes, disse ella, estas aves amanhã a noite é a solidão, aqui é solitario por isso por aqui paixão.

Passarão os dous amantes parte da noite, aissim conversando; e quando pelo oriente principiou a dissiparem-se as trevas, que uma luz duvidosa apparecia, exclamava Augusto prostrado aos pés de Leonor:

— Ah! perdoa minha querida, levado pela paixão que me cegava calquei tua corda de virgem, mas em troca te offereço vinte flores da minha corda de mancebo e com o meu futuro. Amor nos unio, o sacramento nos purificará....

— Augusto, tu me perdeste, dizia Leonor, tu manchaste a minha aureola de virgem e cobriste a minha honra com o véo do escarneo!... Augusto tem dó de mim....

— Leonor, perdoa-me, eu serei teu, eu t'o juro!...

As nuvens dissiparão se e a purpura cobrio o horisonte.

Era a hora do crepusculo matutino.

Derão quatro horas no relógio da torre da quinta.

Os amantes tiveram de se separar, protestando amor e jurando fidelidade.

Não julguem que Augusto era algum seductor, algum libertino que buscava aventuras.

Era um incauto joven, que caminhava cego pela estrada que o levava ao infortunio.

III

Vivia Augusto feliz, amando Joucamente Leonor e sonhando venturas.

Occultava seu amor a todos, não fallava a ninguém de Leonor, era um amor verdadeiro o que alentava seu coração.

E mereceria-o ella?

Um mez passou-se no meio das mais illusorias venturas, e no meio da mais grata embriaguez para Augusto. Varias entrevistas tiveram, nas quaes ella sempre lhe protestava firmeza e fidelidade.

O homem quando ama é tão facil de deixar arrastar-se pelo engano que assemelha-se muitas vezes a uma criança,

Leonor começou a entristecer-se e a tratar Augusto com indifferença. Uma noite, Augusto, assentado junto a ella, queixava-se do indifferenlismo buscando saber qual a causa de sua tristeza e ella replicava-lhe:

— Augusto, não sei porque, mas sinto uma dôr aguda em meu coração, uma tristeza e melancolia em minh'alma, que não tenho mais sorriso nos labios; sinto que o nosso amor será funesto...

— Mas, qual éessa causa? Tu já não me amas, já não tens aquelle prazer que tinhas quando eu era a teu lado, tratas-me com indifferença, que mal te fiz? Em que te offendi? Dize-me, Leonor, vê as minhas lagrimas, ouvi meus suspiros!.. Leonor, tu já não me amas!..

— Ainda, Augusto. Disse a custo Leonor.

— Não, Leonor, eu vejo que te conservas impassivel á minha dôr, minhas lagrimas te não commovem; Leonor eu tenho um rival... tu amas a outro...dize-me minha querida, será verdade?

Augusto com fronte pendida sobre o hombro de Leonor, vertia ardentes lagrimas, arrancadas do intimo do coração.

— Não chores, Augusto, en só te amo, não tens nenhum rival, estou triste, porém não te posso explicar o motivo da minha tristeza...

Um fervoroso beijo embargou o resto da phrase nos labios de Leonor.

Ella mostrou-se mais satisfeita, porém em seu coração pairava outros sentimentos.

Como era fragil Augusto! quanto elle a amava que não podia alinar com a causa d'essa indifferença tão inesperada.

Leonor, enganava Augusto, e de uma maneira

torpe sabia pintar na teta de seu amor a mais vil baixeza, com tintas mui finas pelo seu devasso pincel molhado na tinta de um sentimento que ella tambem sabia fugir; e Augusto deixava-se levar, arrebatado pela perspectiva que encobria a erapula mais immunda.

Augusto era o brinco de Leonor, era o pobre que ella atrava ao abysmo da maldade.

Elle depositava n'ella toda a confiança, elle julgava-a pura como um anjo, e ella era qual Marion Delorme.

(Continúa).

PENSAMENTOS.

§

Em amor a mulher virtuosa diz : *Não*; a apaixonada : *Sim*; a caprichosa : *Sim e Não*; a coquette : *Nem sim, nem não*.

CHARLES BERNARD.

§

N'um momento de dor o silencio dos povos, é a fiação dos reis.

MIRABEAU.

§

O maior de todos os males sobre a terra, é a ignorancia da verdade.

PLATÃO.

§

As esperanças são a vida da nossa vida mortal, e o mais suave manejar com que nós alimentamos.

SANTO AGOSTINHO.

§

Um *album* é um livro que só os tolos tem, porque são incapazes de guardar no coração a lembrança de um amigo.

...

§

Assim como as armas dos reis são a espada e a lança, as do sabio são a sua sciencia e a sua lingua.

SENTENÇA ARABE.

§

Nenhuma pessoa verdadeiramente grande, responde aos criticos; a arte de calar é o melhor modo de responder ás satyras.

GANGANELLI.

POESIAS.

MESSALINA.

Se por descuido tu leres,
Mesmo sem os comprehendes,
Estes versos, que escrevi.....
Rasga-lhe as folhas, irada,
Que te não pedem mais nada,
Olha-os depois.... e sorri !..

E. Zaluar.

Que tu queres, mulher, se a taça negra
Já fibaste, das orgias infernaes ?
Que tu queres, Marion, se a vida gasta,
Se consomme na luz das saturnaes ?

Que tu queres, se o manto da pureza,
Eulameaste no leito das orgias ?
O que buscas, se as palmas da innocencia,
Já murcharão co'os teus mais bellos dias?

Não crimino, essa senda que tu trilhas
O sepulchro a busear com tua mão.
Nem maldigo, Gauthier, tuas volupias
Requintando-te mais na perdição!

Nem tão pouco maldigo essa seccura
Que te queima esses labios, cortezá;
Mas crimino a descrença que em teu peito
Conservas, qual outr'ora D. Juan.

Se te aquece o rubor inda nas faces,
Se conservas vergonha inda no rosto;
Não levantes teus olhos messalina,
Olha a vida espirando no desgosto !..

Inda joven, na flor das primaveras,
Um futuro talvez, te esperaria;
Mas tu calcaste as tuas esperanças,
Para ti, todo o mundo é sem valia....

Nos prazeres de amor te enebriaste,
No seio dos mancebos tu dormiste;
Que tu queres, se a Louca, já impura
Aos beijos libertinos não resistes?

Vai busear ouropéis, cheia de opprobrio
Vai colher os ultrages que mereces,
E se as turbas um dia te acenarem,
Não vacilles.....na cova não tropeces.....
Novembro de 18..

J. BARBOSA RODRIGUES.

LEMBRAS-TE ?

Lembras-te ainda donzella
D'aquelles noites de Abril,
Quando vinhas carinhosa
Com teu sorriso infantil,
Depor-me um beijo na fronte
Trazer-me venturas mil ?

Bello foi aquelle tempo
Que contigo desfrutei ;
Bellas horas...mas ligeiras
Forão essas que passei ;
Talvez que nunca mais goze
O que contigo gozei !

Mas agora, triste e auzente
De minha patria d'amores,
Não tenho um meigo sorriso
Qu'alivie as minhas dôres ;
Parece que desterrado
Fui votado a mil rigores!

Não tem bellezas as noites
Que passo longe de ti ;
Não acho enlevo nos dias
Que tenho passado aqui ;
Contigo tudo era bello,
Sô ventura achei ahí.

Mas tu te lembras ainda
Do teu pobre trovador ?
Falla, dize — tens saudades
Das meigas fallas de amor ;
E d'esses ternos beijinhos
Que te dei com tanto ardor ?

Mas tudo Julia passou...
E já não tenho esperança
De gozar esses carinhos
Que tenho ainda em lembrança :
Ai ! quem dera que p'ra mim
No céo brillasse a lonança !

Rio 20 de Fevereiro de 1861.

JUVITA DUARTE SILVA.

LUIZA BANDOIN.

TRADUZIDO DO FRANCEZ POR E. BAN-
DEIRA.

Ha uns dez annos, Mr. Bandoïn estava á testa de uma manufactura de estofos situada nos arrabaldes de Rouen ; os productos de sua fabrica vendião-se com uma admiravel facilidade ; sua mulher cujo character e virtudes a tornavão

uma digna mãe de familia, offercia ás suas duas filhas um exemplar modelo da sociedade e rectidão de principios.

Luiza era o nome da mais velha que acabava de completar seus vinte e um annos ; a mais moça chamava-se Maria e não tinha senão quinze a dezoito mezes menos que sua irmã.

Desde longo tempo que muitos partidos perfeitamente convenientes se tinhão apresentado para obter a mão de Luiza, que os recusára obstinadamente. Uma tarde Mr. e Mme Bandoïn não comprehendendo a conducta de sua filha, e achando-se a sós com ella, lhe pedirão explicações sobre o seu inexplicavel procedimento.

Luiza respondeo, sem se perturbar, que tendo dado sua palavra a Mr. Gustavo, um dos agentes da casa, não pertenceria nunca a outro e que estava decidida a recusar qualquer partido que se lhe propuzesse.

A esta resposta de uma filha revoltada contra a autoridade paterna, Mr. e Mme Bandoïn ficaram aterrados e como que feridos por uma dôr violenta e desconhecida. Depois de se ter tranquillizado um pouco, o pai fez observar a sua filha que Gustavo era um libertino, e um moço de máos costumes, que por muitas vezes tinha sido despedido da casa e que se era novamente admittido era em attenção a um seu parente muito estimavel e que se interessava por elle, mas que por fim não tardaria a sêr despedido definitivamente por que ultimamente até já se duvidava da sua probidade.

Luiza respondeo friamente que tudo o que lhe dissessem a esse respeito seria inutil, e que sua resolução era inabalavel. O pai, não podendo conter por mais tempo sua colera, fez um gesto para castigar tão desobediente filha, cujas respostas afinal erão de natureza tal que fazião exasperar, felizmente a mãe, por um movimento rapido, se collocou entre seu marido e Luiza, que sahio amaldiçoada por seu pai.

Durante a noite esta filha insensivel á maldição paterna, e surda aos rogos e ás lagrimas de sua mãe e de sua irmã fez uma trouxa de sua roupa e foi refugiar-se em uma casa de educação donde dirigio petições respeitosas á seus pais, tendantes a obrigar-os a consentir no seu casamento com Gustavo que havia sido despedido, como bem se presume, da casa Bandoïn.

Preenchidas as formalidades legaes, o casamento de Gustavo com Luiza Bandoïn foi celebrado uma tarde, sem parentes nem amigos, rodeados da solidão e do abandono que acompanhão ordinariamente aquelles que se revoltão contra a moral e contra as leis da familia e da honra.

Os dous novos esposos partirão immediatamente para Paris depois da cerimonia religiosa, onde se installarão em um quarto assaz modesto e que devia parecer bem triste aos olhos

de Mme Gustavo em comparação ao bello e commodo que occupava em casa de seus pais.

Um casamento contrahido sob taes auspícios não devia ser feliz. Oito dias se tinham apenas passado, e já os noivos dirigião-se reciprocamente censuras, depois veio o tedio metter-se de per-meio, seguirão-se as disputas e mil scenas repugnantes.

Era preciso cuidar tambem nas necessidades da vida. A fraca somma que Gustavo tinha obtido de seu parente que o tinha tão calorosamente recommendado para com Mr. Bandoin, estando dissipada, não havia outro recurso senão procurar novo emprego.

Tendo algumas relações em Paris, Gustavo achou um emprego que o retinha todo o dia longe de sua mulher, que se desolava ao ver-se assim só e abandonada.

Gustavo, não encontrando em sua volta ao domicilio conjugal senão aborrecimento e tristeza, reassumio seus antigos habitos, e só voltava para casa á meia-noite. Em breve não se contentou só com isso, passáráo-se duas e tres noites sem que elle apparecesse. Em consequencia de sua má conducta o joven caixeiro perdeu o lugar, e não podendo mais apresentar informações favoraveis, foi-lhe impossivel arranjar novo emprego no commercio, era preciso pois, para viver, resignar-se a um emprego inteiramente subalterno e forçar sua mulher, a imprudente Luiza Bandoin a viver de um trabalho manual.

Enfim depois de descido ao ultimo gráo da escala social, e de ter compromettido completamente sua saude pela devassidão e má procedimento, Gustavo morreo no hospital no fim de alguns annos dessa vida desegrada, deixando dous filhos á sua viúva completamente desprovida e falta de recursos.

Luiza, tendo vendido peça por peça sua mobilia para sustentar seus filhos, e habitando um quarto em um hotel da mais ínfima condição, fez conhecimento com um fabricante de brinquedos de crianças, que lhe offereceo para tomar conta de uma dessas pequenas barracas que guardam os passeies oito dias antes e oito dias depois do dia do anno bom.

Era o mez de Dezembro cujas ultimas noites humidas e frias mal se podem soffrer em quartos e bem confortaveis quartos. Luiza para preservar seus filhos tanto quanto lhe fosse possivel das injurias desta aspera temperatura, quasi que se despio de seus vestidos. Só uma mãe é capaz de uma tal dedicação que naturalmente lhe devia ser fatal porque aggravou-se seriamente uma molestia cuja origem vinha das lagrimas e privações que tinha supportado, depois do seu funesto casamento.

No dia 31 de dezembro pelas quatro horas da tarde, no momento em que a multidão aug-

mentava no boulevard, Luiza com uma vez enrouquecida e que encommodava ouvir, apregoava a mercadoria que lhe tinha sido confiada para vender; nesse instante um lindo rapaz de seto a oito annos, vestido com o bom gosto com que se vestem os meninos ricos em Paris puxava pelo braço a uma joven e linda senhora toda coberta de seda e arminhos, dizendo-lhe que queria que lhe comprasse a pequena pistola que a mulher da barraca offerecia aos passeantes; a mãe não tendo animo de resistir aos desejos do seu filho approximou-se da barraca e deu á pobre mulher um franco e vinte cinco centimos, preço daquella teléia.

Apenas os olhos da bella senhora se encontrão com os da pobre mulher, ellas deixarão escapar ao mesmo tempo uma exclamação, porque não obstante a differença de suas posições se tinham reconhecido.

Maria feliz e gozando uma perfeita saude, supportou sem difficuldade a emoção que sentio ao reconhecer sua irmã tão enfraquecida pela tristeza e privações, que desmaiou pronunciando o nome de Maria.

Maria gritou por socorro, um ajuntamento consideravel se formou á roda da barraca, e felizmente dous soldados apparecerão, e obedecendo aos rogos da senhora, forão buscar um carro a toda a pressa, no qual foi transportada Luiza privada dos sentidos, e seus dous filhinhos bem tristes por verem sua mãe em um tal estado.

Depois de ter deixado a pequena loja sob a protecção da autoridade Maria subio para a carroagem com os seus filhos dizendo ao cocheiro: —Rua de Saint-Martin, no canto da quinta rua á direita, e o mais depressa possivel. —

Em alguns minutos a carroagem chegou ao lugar indicado, dous criados desde muito tempo ao serviço da casa Bandoin, ajudarão a transportar Luiza, sempre privada das forças e dos sentidos, para o quarto de Maria, que era situado no primeiro andar.

Depois de ter pago e despedido o cocheiro, Maria fez respirar saes a sua irmã que abrindo os olhos, ficou bem surprehendida de se achar no meio de um quarto magnifico, rodeada de sua irmã querida e de seus filhinhos, tremulos e encolhidos a um canto e como que assustadas.

Luiza voltando a si, confiou a sua irmã todos os tormentos porque passára, e o horror de sua posição, depois da sua ingrata e culpavel separação de sua familia.

Maria, anjo de bondade e digna do nome que trazia da Divina Virgem, consolou a pobre decate, e lhe prometteo affeição e dedicação para o futuro, contou-lhe que depois de ter ficado só junto de seus pais inconsolaveis com o abandono da filha que amavão, ella tinha feito todo o possivel para os consolar; que tinha se casado com Julio Rosier caixeiro da casa com

quem vivia perfeitamente feliz; mas que não podia apresentar-lh'o naquelle momento porque estava na fabrica a terminar as contas do fim do anno.

— Que é feito de meu pai e minha mãe, e que pensão elles de mim? exclamou a pobre doente desfazendo-se em lagrimas.

— Não te affijas tanto minha cara Luiza, respondeo a boa e generosa Maria, já que Deos quiz que eu te encontrasse, tuas desgraças terão fim. Depois acrescentou: meu pai tendo tomado meu marido por socio, habita o sobrado que fica junto a este e temos uma porta de comunicação. Elle deve passar a noite no Circulo de que é membro, o que nos permite ficarmos sós esta noite, eu, tu e nossa mãe que se apressará em te abraçar logo que saiba que estás aqui.

O temperamento da pobre Luiza, arruinado pelos remorsos, tristezas e miseria, não pôde supportar tantas emoções; ella estava pallida e tremula, sentada em uma macia poltrona attentamente escutando sua irmã; um suor feio cobria-lhe o rosto, e um sorriso de felicidade entre-abria seus labios desbotados. A vista deste estado, Mme Rosier chamou sua creada grave para ajudal-a a metter a doente na cama, onde recuperou um pouco as forças.

Approveitando as melhoras de sua irmã, Maria dirigio-se para casa de sua mãe, a quem contou em poucas palavras os acontecimentos do dia.

Mme Bandoín, ainda que tivesse ficado bastante irritada com a conducta de sua filha, experimentou a mais viva emoção, com a narração que acabava de ouvir e seguindo os movimentos naturaes do coração de uma mãe, correo para junto da cama onde repousava sua infeliz filha.

Depois de se haverem dado os maiores signaes de amizade e dedicação, occuparão-se com os meios de esquecer o passado e de fazer partilhar estas boas disposições a Mr. Bandoín cuja irritação estava sempre viva e terrivel.

O dia seguinte, sendo o primeiro do anno offeria uma occasião favoravel, e procurarão tirar partido d'elle.

Mme. Bandoín acordava ordinariamente as nove horas da manhã. A desgraçada Luiza que tinha passado muito mal á noite, com febre e insônia, fez um esforço sobrehumano para se pôr de pé no momento em que sua mãe e irmã devião ir desejar as boas festas ao chefe da familia.

Poserão-se a caminho, e entrarão devagar no quarto de Mr. Bandoín, que estava já acordado, e abriu os braços a sua mulher a sua filha e a seu neto. Maria depois de ter feito as mais ternas caricias a seu pai lhe disse:

— Meu pai, no meio de toda a nossa alegria e cada vez que começa um novo anno não vos parece que falta alguma cousa á vossa felicidade?

— Não minha filha, respondeo elle, cercado de minha mulher, de ti, de teu filho e de teu marido quando está presente, não me falta nada.

— Entretanto meu pai, vós tendes uma outra filha, replicou ella.

— Não tenho outra filha além de ti, minha boa Maria, respondeo Mr. Bandoín impallidecendo.

— Oh! disse Maria, perdoai-me meu pai tendes outra que está perto de vós, bem arrependida e desgraçada.

Neste instante Luiza seguida de seus dous filhos, precipitou se aos pés de Mr. Bandoín dizendo-lhe:

— Meu pai, eu não preciso mais neste mundo, senão do vosso perdão. Meu erro e desobediencia forão bem grandes, mas Deos foi meu juiz. Elle punio-me rigorosamente. Já que meu procedimento foi tão dolorosamente expiado, hoje só vos peço que retireis de mim vossa maldição, e que tenhais piedade de meus pobres filhos.

Mr. Bandoín não podendo resistir ás lagrimas de sua filha, e vendo-a tão triste e infeliz, levantou-a e abraçou-a, esquecendo o passado, para só se lembrar do presente. Depois abraçou tambem os dous meninos que estavam mudos e assustados, e que elle nunca tinha visto.

Depois desta scena de tocante reconciliação, levarão de novo Luiza para a cama onde recebeu com felicidade as consolações de sua familia.

A pobre doente, feliz por ter obtido o seu perdão, experimentou melhoras sensiveis, que forão em augmento, sob a influencia de sua nova posição.

A expiação tinha sido terrivel, porém justa e bem merecida.



UMA VICTIMA DO AMOR.

(Original Brasileiro).

(Continuado do n. 7.)

Facil foi ao moleque acertar com a casa de Carlos e entregar a carta que levava para Henrique, a quem encontrou com todos os caracteristicos de um verdadeiro sentimento que lhe ralava a alma.

Depois de receber a Henrique abriu-a, e quasi louco de alegria fez mil perguntas ao pagem, que a todas repondeu com a sua habitual prolixidade.

— Dize ao meu amigo que d'aquí a uma hora estarei junto d'elle.

— Sim, meu senhor, respondeo o pagem,

deixou-se ficar no mesmo lugar coçando a cabeça.

Henrique não teve custo em atinar com a intenção do bloqueio, e mettendo a mão no bolso do collete, tirou uma pequena moeda de prata e deo-lh'a.

— Obrigado meu senhor, disse o pagem, e retirou-se.

D. Maria que ficára com Carlos depois de ter despachado o portador para a cidade, foi impallida por esse *bicho* terrível, aninhado no corpo das mulheres—a curiosidade—e sem mais preambulos perguntou a Carlos pela sua genealogia.

— Sou descendente de uma familia obscura minha senhora.

— Mas, senhor Carlos, por mais obscura que seja a familia de que fazemos parte, nunca devemos ter pejo em nomeal-a, salvo se tivermos motivo pelos quaes devemos deixar de cital-a, ora, se o senhor está n'esse caso então serei satisfeita em não obrigar-o a uma revelação dolorosa....

— Pelo contrario, Sra. D. Maria: muito me ufano sempre que tenho occasião de poder falar em minha familia. Sou natural da provincia de Minas (onde tenho minha familia) e filho do Barão de S. Francisco.

— Do Barão de S. Francisco?

— Sim minha senhora dar-se-ha o caso de que o conheça?

— Muito!

E dos olhos de D. Maria chovião lagrimas de contentamento.

— Que felicidade meu Deos! disse Carlos.

— Na verdade, senhor bem o diz, é grande felicidade para mim, e eu já me explico.

— Eu a escuto, senhora.

— Eu sou tambem de sua provincia e da mesma cidade em que o senhor nasceu. Não foi na cidade da Diamantina?

— Justamente, disse Carlos no auge da alegria.

— Pois bem, proseguio D. Maria, ahí vi a luz do dia, no meio de prazeres e festins; ahí vi os dias de minha existencia destizarem-se placidos até a idade de quinze annos; em que, bem a meu pezar, tive de deixar o meu lar nativo, para acompanhar o meu esposo que era negociante n'esta cidade. Seu honrado pai era criança como eu, pois tambem tinha quinze annos, e foi um dos meus companheiros de infancia.

E os olhos de D. Maria, tornarão-se a arrasar de lagrimas.

— Ainda parece-me vel-o, continuou D. Maria, á janella de sua casa acenando-me com o lenço na hora de minha partida, oh! quão bellos forão os dias que fruimos.

« Desde então só o vi mais uma vez, foi quando elle cá veio tirar o titulo de nobreza com que o

então reinante o galardoára, pelos immensos serviços prestados por elle á nossa provincia.

« Isto ha vinte annos mais ou menos, elle se tinha casado, dous ou tres annos antes.»

— Então é esta a primeira vez que me vê? disse Carlos.

— Sim, respondeo D. Maria, o que quer dizer o mesmo que se ja o conhecesse á muitos annos! Como elle ha de ficar satisfeito quando souber que lhe pude prestar um pequeno serviço, em remuneração aos innumeros que elle prodigalisou á minha pobre familia!

— Terá com isso summo prazer minha senhora, mas nunca receberá como recompensa a acção que a senhora acaba de praticar. Como conheço quasi todos os meus conterraneos desejo tambem saber á que familia a senhora pertence.

— A' dos Neves.

— Oh! muito minha conhecida. Com effeito minha senhora, não podem existir no mundo duas familias mais vinculadas pelos laços da amizade.

— E' verdade; mas não deixo de admirar-me á vista da má acção que seu pai, acaba de praticar para commigo.

— Qual é ella?

— A de mandal-o para o Rio de Janeiro sem recommendar-me seu filho.

— Concordo, em parte disse Carlos, mas em parte, não; erão encommodos...

N'esse momento ouviu-se o tropel de um cavallo.

— E' Henrique sem duvida, exclamou Carlos.

Com effeito era Henrique que fiel á sua palavra acabava de chegar.

D. Maria levantou-se e foi rebel-o; conduzio-o ao quarto do doente, e retirou-se.

— Meu bom amigo, disse Henrique apertando affectuosamente a mão de Carlos, como te achas n'este estado? conta-me depressa tudo; estou ansioso por saber.

E Carlos contou a Henrique tudo quanto se passára.

(Continúa).



As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia, ou á rua de S. Pedro n. 36.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.², rua do Cano n. 163